

OS PERIGOS DA ANTROPOLOGIA ESPONTÂNEA

Enquanto os profissionais da antropologia passam por um longo aprendizado de mais de década de treinamento universitário e meses a fio em convivência direta durante pesquisas de campo com outras culturas antes de se habilitarem a dizer ou escrever qualquer coisa sobre elas, certas personagens afoitas assumem levemente o papel de antropólogos espontâneos, pontificando sobre povos indígenas que muitas vezes nunca viram ao vivo. Alguns exemplos: o empresário de garimpo José Altino Machado, o deputado federal de Roraima João Fagundes e o "doutor em letras francesas" Janer Cristaldo (uma consulta aos bancos de dados da Universidade de Paris III -- Sorbonne Nouvelle -- constatou a total ausência deste último nome no rol de seus doutores). O resultado são declarações estapafúrdias sobre povos como os Yanomami, que não têm condições de retrucar na mesma moeda. Tais análises improvisadas seriam cômicas se não fossem perigosas pelo seu teor racista.

Sem a menor cerimônia o senhor Cristaldo desfila a sua ignorância pelo texto do caderno *Mais!*, trazendo à baila alusões infelizes a "fornos modernos" que cremam gente a 1.360 graus e cometendo gafes embaraçosas, como afirmar que não é possível acender-se fogueiras "no solo úmido de uma floresta tropical" (se assim fosse, esse outro escândalo, o das queimadas da Amazônia, teria sido poupado ao Brasil). Este doutor em letras francesas arroga-se a autoridade de pôr em questão o depoimento do antropólogo Bruce Albert, que não é norte-americano, mas um pesquisador francês da ORSTOM/CNPq-UnB, que trabalha com os Yanomami desde 1975. Albert, que na ocasião do massacre realizava pesquisa de campo na região do Demini, no estado do Amazonas, foi chamado para pôr seu conhecimento da língua e dos costumes Yanomami a serviço da Justiça Federal brasileira, sendo designado oficialmente como tradutor-intérprete do inquérito realizado na aldeia de Toototobi, também no Amazonas, com a presença dos sobreviventes da chacina de Haximu. Mas Cristaldo prefere basear-se nos escritos de outro antropólogo, este sim norte-americano, Napoleon Chagnon, inspirador da onda difamatória que grassa pelo Ocidente contra os Yanomami há quase trinta anos. Já em 1978, a revista *Time* utilizou escritos e entrevistas de Chagnon para caracterizar os Yanomami como brutos selvagens cujos hábitos de acasalamento seriam comparáveis ao de bandos de babuínos. Agora o senhor Cristaldo toma um artigo de Chagnon publicado em *Science* em 1988 -- pelo qual foi duramente criticado por seus pares -- e resolve fazer uma sinopse em português numa tradução livre que demonstra, dando-lhe o benefício da dúvida, que suas habilidades com a língua inglesa deixam algo a desejar: *adult males* transformam-se em "machos adultos", terminologia pinçada da zoologia que, aplicada a seres humanos, nada mais é do que uma expressão de grosseiro racismo. Com isso o jornalista quer demonstrar que foram os próprios índios que se mataram uns aos outros para capturar mulheres, esquecendo de justificar o fato de que a maioria das vítimas do massacre eram mulheres e meninas. Ironicamente, para desencanto do senhor Cristaldo, o próprio Chagnon acata os resultados do relatório de Albert sobre o massacre de Haximu e cita-o extensamente no *Times Literary Supplement* de 24 de dezembro de 1993. "Burro calado passa por sábio" é uma máxima popular que merece mais atenção por parte dos "letrados" deste mundo.

(*) enviado à FSP em 28.04.94

Além de viverem há muitas gerações num território vorazmente cobiçado pela ganância de brancos, o que fizeram os Yanomami para merecer essas campanhas renitentes de difamação étnica? O que, afinal, motiva esse senhor Cristaldo, quase um ano depois do escândalo de Haximu, a ocupar seu tempo em tal diatribe totalmente desprovida de veracidade factual e de autoridade científica?

Em seu último parágrafo, o jornalista sugere às Forças Armadas que se ponham em campo para coibir "esta conspiração antropológica". O senhor Cristaldo ignora também isto: enquanto, de 1987 a 1990, dezenas de milhares de garimpeiros entravam livremente nas terras Yanomami, espalhando destruição ecológica, caos social e epidemias letais, os militares proibiam a permanência e entrada na área de antropólogos com longa vivência entre os Yanomami. Entretanto, quando a mortalidade indígena inundou os meios de comunicação e se transformou em vergonha nacional, o Estado brasileiro não teve pejos em chamar de volta esses antropólogos, juntamente com outros cidadãos há muito dedicados à proteção da vida e da terra Yanomami, no afã de remediar o mal que esse mesmo Estado, principalmente por omissão, ajudou a criar. Nem aí o letrado jornalista acertou.

Alcida Rita Ramos é Professora Titular do Departamento de Antropologia da
Universidade de Brasília e Pesquisadora do CNPq.
Faz pesquisas entre os Yanomami desde 1968.